

RESENHA

*O SENTIMENTO DO AMOR À PÁTRIA LATINO-AMERICANA EXPRESSO EM
PALAVRAS
A AMÉRICA LATINA: MALES DE ORIGEM*

Rita de Cássia Marques Lima de Castro

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil¹

Manoel Bomfim foi um brasileiro do século XIX-XX, sergipano, filho de família burguesa, de senhores de engenho, médico de formação, mas que muito labutou no ramo educacional. Em 1903 escreveu - *A América Latina – Males de Origem* - demonstrando que existiam condições pregressas que faziam a América Latina estar na posição “inferior” em que se encontrava, destruindo o mito da inferioridade racial que predominava no início do século XX. Essa obra foi fruto de uma provocação inicial feita a Manoel Bomfim por um jornal parisiense, que lhe solicita uma entrevista capaz de esclarecer os problemas gerais que aconteciam na América Latina. Dessa provocação, Bomfim desenvolve um texto que não apenas contesta as ideias vigentes no começo do século XX, mas também apresenta, como proposta para eliminação do atraso e dos problemas levantados em sua obra, o desenvolvimento de uma educação capaz de levar à conscientização.

Como ponto principal de originalidade em sua obra, pode-se destacar seu posicionamento contrário aos dos demais pensadores latino-americanos do início do século. Enquanto estes reproduziam o discurso europeu, Manoel Bomfim foi distinto dos demais, sendo um dos únicos, à época, a defender e provar que os males da América Latina não vêm do povo, mas são fruto da mediocridade do projeto das classes dominantes que organizaram as sociedades da América Latina em proveito próprio. Justifica-se a leitura da obra de Manoel Bomfim não somente por causa de sua postura ‘contrária à corrente’, a qual abre espaço para uma reflexão sobre a construção das nações latino-americanas e leva, até hoje em dia, a discussões acerca do assunto, mas também porque Bomfim permanece sendo um autor conhecido por poucos, dado que

¹ Pesquisadora no programa de pós-doutoramento na FEA-USP e membro do CORS, Professora na Universidade de Mogi das Cruzes - Campus Villa-Lobos - SP. E-mail: ritalimadecastro@gmail.com.

conseguiu, com suas posturas mais radicais, desagradar correntes de pensamento diversos e, portanto, é pouco encontrado para leitura nas Instituições de Ensino Superior. Sua obra também merece destaque por conseguir quebrar a estrutura do discurso vigente utilizando-se do mesmo método adotado para justificar as teorias de estruturação dos povos, que era o uso das ciências naturais para explicar diferenças de evolução das sociedades. Bomfim dá um passo adiante e sai do plano meramente analítico para chegar ao plano metafórico do discurso. Contextualizando, as teorias explicativas das civilizações, no início do século, apresentavam vários estereótipos para classificar as nações em superiores e inferiores. Assim, os povos da América Latina seriam inferiores por causa de: clima tropical, mistura das raças, origem portuguesa ou espanhola, tradição católica, pobreza e ignorância dos ancestrais e, nesse contexto, vários autores latino-americanos buscavam compreender o descompasso em relação aos países avançados da América do Norte e da Europa repetindo ideias de outros pensadores do Velho Mundo. *A América Latina: Males de Origem* surge com uma visão distinta, como apresentado a seguir.

A AMÉRICA LATINA. MALES DE ORIGEM (1903, EDIÇÃO DE 2008)

Advertência - Bomfim inicia seu livro com uma advertência, levando seus leitores a compreenderem as motivações que o levam a escrever a referida obra: explica que o livro se formou espontaneamente, seu nascimento e crescimento derivam do sentimento que o autor tem de alcançar a verdade, descobrir a causa dos males que assolam a América Latina. “Deriva diretamente do amor de um brasileiro pelo Brasil, da solicitude de um americano pela América” (BOMFIM, 2008, p.2).

PRIMEIRA PARTE – A AMÉRICA LATINA ESTUDO DE PARASITISMO SOCIAL

Era muito comum encontrar, no início do século XX, autores que estabeleciam como premissa que os povos latino-americanos nunca serviriam para nada, e que a região onde habitavam deveria pertencer à nobre Europa. O conceito geral, derivado, segundo Bomfim, de uma causa afetiva (interesse pela riqueza da região) e intelectual (ignorância acerca da história e das condições dos povos latino-americanos) era a de que

a Europa, que era sábia, tinha pouca terra, enquanto os milhões de mestiços degenerados eram senhores de muitos e ricos territórios. Essa generalização era proveitosa, porque os povos latino-americanos acabariam por aceitar esse conceito de ser inferior e para nada servir, caindo no que Bomfim denomina inércia sem fim, aceitando conselhos externos que não atendiam à realidade e impactavam, sobremaneira, a soberania das nações. Bomfim comentava que a preservação da América Latina contra uma invasão europeia era decorrente de uma proteção dos Estados Unidos, proteção esta considerada tênue, porque nada garantiria que persistiria, impacta na governança e na soberania e, ademais, alertava Bomfim que os Estados Unidos também compartilhavam da visão de que os povos do sul eram ingovernáveis e de poucas qualidades. Conclui, então, Bomfim, a reputação maléfica que a Europa deu à América Latina “nos embaraça de toda sorte de embaraços” (BOMFIM, 2008, p. 13). As nações latino-americanas encontram-se, então, em 1903, em um estado que mal lhes dá o direito de serem consideradas como povos civilizados, sofrem de um retardamento do progresso mais lento e sofrem todos os males, desvantagens e ônus dos países avançados – “Da civilização, só possuímos os encargos” (BOMFIM, 2008, p.15).

SEGUNDA PARTE – PARASITISMO E DEGENERAÇÃO

Parte, a seguir, Manoel Bomfim para o centro de sua tese e que marca a originalidade de seu pensamento e cujo discurso inova ao sair do plano original da teoria científica e engendrar para um intertexto metafórico, como comentado anteriormente. Entra-se no que Bomfim denomina de Parasitismo e Degeneração. Para Bomfim, as sociedades são como organismos, sujeitas tanto quanto eles a leis categóricas e que para se desenvolverem, dependem do meio, das condições de tempo e lugar. Quanto mais adaptada ao meio, mais perfeita será uma sociedade. A doença deriva de uma falta de adaptação a certas condições especiais do meio. Ora, nas sociedades sul-americanas, comenta Bomfim, o meio é propício para o desenvolvimento. De onde, pois, vem o atraso? Responde o autor que vem das condições de formação das nacionalidades sul-americanas, que padecem dos mesmos males que as nações da América Latina, e, portanto, para bem diagnosticar o mal e propor um remédio, é preciso estudar o passado da nação para compreender seu atual estado. Em resumo, por que a Espanha e Portugal degeneraram? Como animais,

degeneraram porque se tornaram parasitas. A função faz o órgão, lembra o médico Bomfim, e cita o exemplo de um animal marinho que, em seu estágio embrionário, é dotado de organização muito mais complexa do que quando se desenvolve, mas que ao tornar-se parasita, degenera. O exercício constante de um órgão leva ao aperfeiçoamento, à adaptação, à transformação; sem o exercício, o órgão atrofia. “O progresso orgânico é resultado do esforço contínuo e do exercício combinado de todos os órgãos na luta pela vida” (BOMFIM, 2008, p.23).

TERCEIRA PARTE – AS NAÇÕES COLONIZADORAS DA AMÉRICA DO SUL

Espanha e Portugal passam a ser objeto de estudo de Bomfim, os pais biológicos dos países latino-americanos. Seu diagnóstico aponta que ambas as nações tinham o mesmo atraso geral, falta de atividade social, uma sociedade marcada pela desorientação e pelo desânimo, em constante irritação, padecendo de uma fraqueza e incapacidade de se manterem soberanas e livres. Porém, nem sempre foi desta forma, e Bomfim lembra as transformações históricas ocorridas com Espanha e Portugal, que passaram de nações guerreiras a parasitárias. Para Bomfim, o progresso social é como o progresso orgânico. Como condições indispensáveis à perfeição, estão a especialização de funções e a divisão do trabalho, ou seja, a diferenciação de órgãos. O progresso social é o desenvolvimento da inteligência por meio de um esforço contínuo para aproveitar de forma otimizada os recursos naturais. Logo, uma sociedade que vive como parasita sobre outra apresenta as seguintes disfunções: perde o hábito de lutar contra a natureza; não melhora seus processos; não desenvolve a inteligência; vive às custas de iniquidades e extorsões; pratica uma cultura intensiva de sentimentos egoísticos e perversos; vive da exploração. Seu fim é a degeneração, a decadência e a extinção. No caso da Espanha na América, Bomfim observa que enquanto houve riqueza acumulada, o espanhol foi depredador, guerreiro, conquistador. Com o fim das riquezas, o espanhol fez-se sedentário. Acabou o parasitismo heroico, começa o sedentarismo. Portugal, no Brasil, teve uma passagem mais complexa para o sedentarismo porque “ele era pequeno demais para a presa que se lhe deparou” (BOMFIM, 2008, p. 64). Bomfim comenta que a sociedade da metrópole representa o parasitismo em seu grau perfeito sobre a colônia, com seu regime de exploração de terras e do trabalho escravo, em um contexto no qual

Estado e Igreja amparam um ao outro e o parasitismo torna-se a coisa mais natural da vida. É, para Bomfim, a escravidão absoluta, intelectual e moral. Portugal e Europa se degradaram tanto que desagregaram e não tinham mais forças para se conservarem apegados às suas vítimas. Assim, “caíram como os carrapatos maduros” (BOMFIM, 2008, p. 80).

QUARTA PARTE – EFEITOS DO PARASITISMO SOBRE AS NOVAS SOCIEDADES

Esta parte é dividida em duas seções: A – Efeitos gerais e B – Efeitos especiais. Como efeitos gerais, entende-se os que ocorrem ao organismo que é parasitado por ele ser parasitado. Os efeitos especiais são os específicos que ocorreram nas nações sul-americanas. De modo geral, tem-se: mesmo com a emancipação das colônias, o regime parasitário em que estavam presas continuou influenciando em seu viver posterior. As colônias, lembra Bomfim, levam vícios do regime imposto pelas nações ibéricas. Considerando ainda a analogia com o organismo parasitado, Bomfim aponta que há modificações orgânicas gerais que ocorrem pelo simples fato de o organismo estar parasitado. Ele enfraquece, sofre violências das mais diversas (exploração, escravidão, obrigação de defender a terra e os privilégios coloniais), terminando por adaptar-se às condições adversas impostas. Como exemplos, Bomfim cita os índios mexicanos que foram obrigados a serem soldados para saquear outras vítimas dos espanhóis; os índios tapuios que defenderam Pernambuco e o reconquistaram para Portugal, os negros que se adaptaram o melhor que puderam para viver com o mínimo conforto. Ora, todos esses efeitos sobre o organismo parasitado reverberam em diversas esferas da vida social, que Bomfim divide em vida econômica, política, intelectual e moral.

O capítulo segue com três categorias de efeitos especiais que decorrem do parasitismo de uma nação sobre outra que por ela é formada e dirigida: herança, educação e reação. Ele acreditava em hereditariedade social e, nessa visão, as tendências e inclinações, a aptidão e o vigor são características herdadas, sendo que o que completa a formação do caráter é a educação, no sentido da tradição e da adaptação. Dessa maneira, os efeitos da hereditariedade e da educação revelavam-se no que Bomfim denominou de conservantismo essencial: as classes dirigentes aceitam e proclamam como boa a maior parte das ideias gerais e comuns de progresso, mas não

conseguem relacioná-las às necessidades próprias de cada época e às circunstâncias especiais de cada país; ou seja, não são capazes de se adaptarem a mudanças – são “escravos passivos da tradição e da rotina” (BOMFIM, 2008, p.116).

Bomfim constata, ainda, que o parasitismo anula a capacidade de observação. Essa falta de observação é o segundo traço dominante do caráter da classe dominante sul-americana. Busca-se a solução nos livros e todos se contentam com soluções escritas – uma necessidade social é resolvida por decreto (abolição da escravidão, obrigação de trabalhar pelas classes inferiores). Em situações de crise, agitam-se os dirigentes, mas não passa de um mal-estar. Toma-se por causa o que é mero sintoma e problemas e soluções são generalizados.

A tradição é outro termo forte e presente nas nações latino-americanas. Observa Bomfim que, no início da exploração do Brasil, Portugal determinou que a colônia fosse apenas agrícola, pois seria mais conveniente para assegurar a exploração das riquezas. Por tradição, manteve-se assim. Os remanescentes da metrópole, que Bomfim denominou de “dente de ixode”, que é o dente que o parasita deixa, incomodando, quando larga sua presa, compostos por aventureiros, intermediários, representantes de privilégios, todos os que vinham à colônia para fazer fortuna, que ficavam à margem do parasitismo do Estado e mais os colonos (considerados como o colchete ou ventosa com que a metrópole se agarrava e sugava as novas nacionalidades) foram elementos decisivos na política que presidiu a formação das novas nacionalidades e ainda hoje se mantêm ativos – “pesam pelo número, pela fortuna, pelas tradições e pela situação especial em que se acham” (BOMFIM, 2008, p. 180). São os que incomodam e atormentam a evolução política das nações latino-americanas, que se em um primeiro momento resistiram de forma ativa e violenta à independência, depois se acomodaram e escamotearam a revolução.

QUINTA PARTE – AS NOVAS SOCIEDADES

Com relação às novas sociedades formadas, Bomfim faz uma análise destoante do discurso dominante, valorizando o índio e o negro e combatendo o princípio vigente à época acerca da superioridade de raças, princípio este inclusive usado para legitimar a perseguição de povos por outros povos. Para Bomfim, as nacionalidades peninsulares se destacam, à parte o parasitismo, por: (i) uma hombridade patriótica, intransigente e

irredutível, que leva ao heroísmo e à resistência e dela derivam os exageros e perversões guerreiras dos povos ibéricos; ela alimenta as infinitas revoltas e o caudilhismo americano; (ii) um extraordinário poder de assimilação social, incomparável ao encontrado nos demais países do mundo. Não há outro caso de fusão de raças tão diversas de forma tão rápida e perfeitamente quanto o que ocorreu na América Latina, fusão derivada de uma grande plasticidade intelectual e de uma sociabilidade desenvolvidíssima.

A teoria resumia-se aos seguintes pontos: indígenas e negros são inferiores porque têm sido exterminados - eliminados – pelos brancos. Tratava-se de um apoio aos argumentos na teoria evolucionista de Darwin, sem reflexão nas condições históricas. Bomfim aponta diversos contrapontos a essa teoria, criticando autores como Oliveira Martins e a célebre teoria ariana, que foi, já no início do século XX, descartada por diversos estudiosos (Zaborovski, Topinard, entre outros). Além de negros e índios, outro ponto contra as sociedades latino-americanas derivava da influência da mestiçagem. Etnologistas afirmavam que o cruzamento entre raças diferentes daria lugar à formação de populações inferiores às progenitoras (efeitos regressivos dos cruzamentos), porém, alerta Bomfim que não há observações que comprovem essa ‘influência perniciosa’ e os fatos contradizem tal afirmação. Adicionalmente, indolência, preguiça, indisciplina são defeitos mais da educação do que de “raça”. Bomfim vai mais adiante e observa que lutas, revoltas, instabilidades não são decorrentes de raça, mas sim do histórico social e dos dentes de ixode que permaneceram.

Antes de chegar às suas conclusões, Bomfim comenta que a decadência e a degradação de uma nação apresentam por causa primeira, causa das causas, o parasitismo, sendo que este traz, como um dos principais vícios, o chamado conservantismo obstinado das classes superiores. Todavia, é preciso saber que a classe parasita está destinada à extinção e que a degradação dos dominadores, causada pelo parasitismo, permite a chegada de novos elementos, os quais podem dar o verdadeiro impulso para o progresso, por lutarem para sair do sofrimento e da opressão. A resistência à mudança traz seus males, como degradação moral, intelectual e física; e é preciso ter em mente que “a revolta social de ontem é a opressão política de amanhã” (BOMFIM, 2008, p.249). “Não há raças tenazes, nem povos irresolutos; há gentes de

vontade educada, e gentes incultas, que agem segundo a inclinação e os apetites ou necessidades do momento” (BOMFIM, 2008, p.252). Da educação dos povos sairão as gerações de fortes, que sejam capazes de dominar a si mesmos e de lutar e progredir. O que falta para o progresso não é a independência, é a substituição do regime arcaico e opressivo por instituições livres e progressistas. Em síntese: o parasitismo social não é irredutível como o parasitismo biológico – basta conhecer a causa da decadência e se esforçar para combatê-la, saindo da vida parasitária. O homem não nasce parasita, torna-se.

RESUMO E CONCLUSÃO

Bomfim rememora os principais pontos de sua tese em defesa da América Latina de uma forma contundente. Afirma que a América Latina está ameaçada, a civilização transborda sobre ela e sua única salvação possível para não ser dominada é avançar para o progresso, apresentar-se ao mundo como senhora de si mesma. Porém, a este progresso possível (pois todos os povos têm condições para tanto) se opõem seus males de origem: parasitismo e suas consequências, efeitos gerais e especiais. As revoluções ocorridas não trouxeram mudanças desejadas – mantiveram-se o espírito conservador e os privilégios das classes dominantes. Resulta um pessimismo doloroso, um ceticismo negativista, reforçado pelo desprezo com que o mundo civilizado trata a América Latina, vítima de seu passado. Bomfim explana que os povos latino-americanos sofrem de uma inferioridade que é a ignorância, a falta de preparo e de educação para o progresso; defende, portanto, a instrução é o remédio contra o atraso e a miséria geral. Defende a instrução das massas, sem o que não pode a América Latina ser considerada moderna. Dado que a instrução é vista por Bomfim como o caminho principal para se chegar ao progresso, a condição de mudança para a América Latina passa pela educação. “A ignorância só é fecunda para o mal” (BOMFIM, 2008, p. 273) e a instrução, nesse contexto, exerce um importante papel – o de contribuir para a complexidade dos órgãos, ou seja, para o progresso. “A instrução cria a infinidade de aptidões, onde toda função acha órgão adaptado” (BOMFIM, 2008, p. 277).

Bomfim defende um trabalho conjunto, visto que a difusão da educação é vista como um dever de todos aqueles que são responsáveis pelo futuro das nações latino-americanas. É importante ressaltar que Bomfim entendia a liberdade como o direito que

uma pessoa tem de encontrar seu próprio modo de “conduzir-se e de entrar em acordo com os seus semelhantes. É por isso que não pode haver liberdade sem instrução” (BOMFIM, 2008, p. 281). Concluindo, Bomfim convoca ao trabalho para mudança. “Povo, consciente de sua existência, tal como o exige uma democracia, não existe aqui; é preciso fazê-lo” (BOMFIM, 2008, p. 284) e defende a utopia, sim, “(...) contanto que trabalhemos”. (...) “Dos sonhos generosos saem realidades benfazejas. A utopia é o princípio de todos os progressos e o esboço de um futuro melhor” (ANATOLE FRANCE, apud BOMFIM, 2008, p. 290).

Diante do que foi exposto, entende-se Manoel Bomfim como um expoente em termos de América Latina, um autor que ousou balançar as sólidas estruturas de pensamento vigentes no início do século XX trazendo considerações que, malgrado possam ser criticadas, possam ter contradições em seu intertexto, não podem ser ignoradas e, portanto, merecem ser rememoradas e colocadas em pauta de discussão, em pleno século XXI, visto que os dentes de ixode de séculos de parasitismo europeu apresentam-se, ainda, insistentemente na história e na evolução da rica em desafios de investigação, complexa e instigante América Latina.

REFERÊNCIA

BOMFIM, Manoel. *A América Latina*. Males de origem. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, 291 p.

Recebido em 29/10/2017.

Aceito em 23/11/2017.

Publicado em 29/12/2017.

DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2017.140213

ISSN: 1676-6288